

**AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA
OBRA “O MULATO”**

Jandira Fernanda Silva de Paiva (UNIGRANRIO)

jandiarapaiva@hotmail.com

Idemburgo Pereira Frazão Felix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO

O propósito, no presente artigo, é promover a reflexão sobre as representações das identidades femininas nas obras de literatura brasileira no período do naturalismo para compreender a concepção ideológica acerca da mulher a partir de textos que se baseavam em concepções deterministas sobre os gêneros e as etnias. Acredita-se que a literatura auxilia a compor a memória coletiva de uma sociedade sendo fundamental para o diálogo e compreensão sobre a concepção ideológica das identidades.

Palavras-chave:

Literatura. Representação. Gênero feminino.

1. Introdução

O presente artigo visa dissertar sobre a concepção dialógica do gênero feminino na obra “O mulato” para compreender a importância da desconstrução do discurso determinista sobre o gênero e a identidade através das ações do movimento feminista.

Inicialmente discorro sobre as definições de gênero e a concepção sobre identidade para que se faça a diferenciação do termo em relação ao biológico. Entendendo o gênero como uma construção discursiva conforme será explicitado.

Em segundo lugar narra-se as ações do movimento feminista desde o seu surgimento para compreender o processo pelo qual a mulher lutou e alcançou os seus direitos como acesso à educação e o respeito ao seu papel na história.

Após refletir sobre a preponderância do movimento feminista e seu processo histórico, descrevo. A representação do feminino na literatura ao longo da história e a concepção no feminino na arte Naturalista.

O arcabouço teórico utilizado foram as obras de teóricos sobre gênero e literatura para compreender a construção discursiva sobre as identidades.

2. O gênero, o sexo e a identidade

Em nosso idioma ao mencionar a palavra gênero pensamos na existência de palavras masculinas e femininas, no entanto em nível de gênero humano a questão é mais abrangente. Havia inicialmente uma visão mais universalista, a ideia do homem universal. Pouco a pouco as mulheres sentiram a necessidade de mudar esta realidade. Afirma Joana Maria Pedro (2005):

O que as pessoas dos movimentos feministas estavam questionando era que o universal, em nossa sociedade, é o masculino, e que elas não se sentiam incluídas quando eram nomeadas pelo masculino. (PEDRO, 2005, p. 80)

A autora diz que, nos Estados Unidos, originou-se a categoria gênero a partir da publicação de “A mística feminina” por Betty Friedan em 1966. A palavra usada para a representação de gênero feminino, no entanto era Mulher em contraposição a ideia de Homem, termo que era usado para expressar de forma genérica a todos os seres, criou-se a oposição porque as questões típicas e específicas das mulheres não eram abrangidas a partir da generalização no masculino.

A categoria usada na época era Mulher. Esta, pensada em contraposição à palavra Homem, considerada universal, ou seja, quando se queria dizer que as pessoas são curiosas, por exemplo, dizia-se de forma genérica “o homem é curioso”. (PEDRO, 2005, p. 80)

Segundo a autora, o feminismo vivenciou diferentes momentos, definidos pela autora como diferentes “ondas”. A primeira apontada por ela seria a luta das mulheres por direitos iguais como o direito ao voto e a ser eleita, no século XIX.

O segundo momento, para a autora, ocorreu após a segunda guerra mundial quando as mulheres passaram a lutar pelo seu direito ao prazer. Para reafirmar-se e obter direitos sobre o seu próprio corpo e seu próprio destino, o movimento feminista fazia reuniões para refletir questões de sua identidade separadas dos homens. Entre as reflexões que fizeram concluiram que a “educação” obtida em sua formação promovia a submissão e a baixa-estima.

As diferenças entre frentes feministas e as diferentes interpretações da palavra fez com que houvesse a pluralização da palavra Mulher para abarcar as diferentes formas de opressão vivida pelas mesmas na sociedade e para abranger a diversidade.

(...) a identidade de sexo não era suficiente para juntar as mulheres em torno de uma mesma luta. Isto fez com que a categoria “mulher” passasse a ser substituída... pela categoria “mulheres”. (PEDRO, 2005, p. 82)

Diz Pedro (2005) que foi a partir da categoria mulher que nasceu a categoria gênero a partir das pesquisas das historiadoras que pensavam o papel da mulher na história.

Para Robert Stoller (*Apud* PEDRO, 2005), o gênero estaria relacionado à biologia ao sexo; já Joan Scott (*Apud* PEDRO, 2005) concebia a ideia de gênero a partir das relações sociais, nas diferenças instituídas nas relações de poder.

Judith Butler acredita ser o gênero o reflexo da relação entre o discurso e a cultura refletindo ser o sexo um discurso anterior “pré-discurso”.

Segundo Pedro, as relações entre gêneros foram determinadas pela relação de poder sendo necessário refletir o que seria o “sexo autêntico” é necessário repensar a forma como a sociedade “representa” as diferenças. Reforçam-se imposições ou práticas excludentes ou as reduz. No presente artigo analisam-se as representações femininas na arte naturalista visando compreender a visão sobre esta identidade constituída e difundida pela literatura na escola e na sociedade. Na contemporaneidade acredita-se na subjetividade humana como uma construção.

No iluminismo acreditava-se que o ser nascia dotado de uma essência a ser despertada. A identidade era vista a partir de uma visão de unicidade, contendo um núcleo inalterável. Na modernidade líquida acredita-se na fragmentação da identidade. Esta se constrói em um processo contínuo tal qual um jogo de quebra cabeças do qual não se sabe como será a imagem a ser construída. A concepção sobre a essência amplamente difundida no iluminismo é negada na modernidade líquida.

O sociólogo Zigmund Bauman (2005) acredita que os valores são fluidos e a constituição do eu forma-se continuamente a partir de escolhas e a identificação a ideais que podem ser alterados ao longo do tempo.

Se você fica instigando a declarar a minha identidade (ou seja, o meu “eu postulo”, o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos), esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí... (BAUMAN, 2005, p. 21)

Ao refletir e descrever a identidade na pós-modernidade é necessário refletir sobre a globalização e migrações, realidades que nos fazem concluir que não só há a pluralidade das subjetividades, mas dos próprios conceitos de cultura. Bauman exemplifica a influência de outras culturas

sobre a identidade a partir de um slogan publicitário difundida em Berlim em 1994. O sujeito na propaganda é descrito pelos seus bens e representações de outras culturas. “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Conclui-se a respeito das identidades dos sujeitos na Modernidade líquida, a partir dos estudos de Bauman (2005), que é um processo de construção diário determinado pelas escolhas e afiliações ideológicas do sujeito. A compreensão do signo mulher, a partir do arcabouço teórico de Bauman, não estaria condicionada a etnia, não a posicionar a em condição de subalternidade sexual e não seria constituída pelo meio. A semântica sobre o signo mulher, para Bauman, envolve escolhas a partir de experiências ou comunidades ideológicas que as inspirem a reafirmar ou negar suas conjecturas.

Muitos direitos femininos foram adquiridos a partir da luta do movimento feminista que visa à igualdade a oportunidades e direitos humanos. A gênese do movimento será descrita posteriormente para que se compreenda a sua preponderância para a Contemporaneidade e para estabelecer um paralelo com o Darwinismo social e as teorias deterministas que constituem ainda o pensamento social brasileiro.

3. A gênese do movimento feminista

Gonçalves (2006) afirma que em 1948 em Seneca Falls ocorreu a primeira convenção sobre o direito das mulheres. Quais fatores motivaram o encontro?

Conta Gonçalves (2006) que em 1940 realizou-se a Convenção mundial contra a escravidão com a participação ativa de muitas pessoas do sexo masculino. As representantes feministas foram impedidas de atuar sendo meras observadoras. Diz à autora que a convenção de Seneca Falls nasce em resposta à ofensa realizada na convenção de 1940. Entre as participantes mais atuantes figuravam Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott. A gênese do movimento feminista, segundo diz Gonçalves (2006), a partir da luta pelo fim da escravidão africana e de seus descendentes embora afirme a autora que este nascimento é simbólico já que não se aponta uma data precisa para o nascimento do feminismo.

Embora a convenção de Seneca Falls não tenha provocado mudanças radicais, permitiu a inserção de Elizabeth Cady na presidência da associação pelo sufrágio feminino nos Estados Unidos, entrando em contato com movimentos feministas na Europa.

O primeiro marco literário que inspirou muitas feministas, afirma Gonçalves (2006), foi a publicação em 1972 do livro *Reivindicação dos direitos da mulher*. No Brasil, a obra foi publicada em 1833, traduzida em 1833.

Para Gonçalves (2006), uma das autoras mais importantes do movimento feminista inglês foi Virginia Woolf, autora exemplo das vitórias alcançadas pelas feministas. A autora fez duas conferências em Cambridge, que deu origem ao seu livro chamado “Um teto todo seu”.

Diz Gonçalves (2006) que Woolf acreditava que houvesse algo não adequado na história considerada por ela entre outras coisas carente e incompleta. Para solucionar a incompletude sugeriu o acréscimo a história da visibilidade da ação feminina que este suplemento levasse um nome discreto. Explícita Gonçalves que o que inspirou a conferência e todo o trabalho de Virginia foi a publicação em 1920 do livro “Our woman”: chapters on the sexdivord do autor Arnold Bennett. Desmond MacCarthy escreveu uma resenha para a revista *New statesman*, na qual se posicionava contrário à criatividade e intelectualidade feminina e que uma pequena porcentagem das mulheres era igualmente inteligente em relação aos homens.

Conta a autora (2006) que, em resposta a resenha de Desmond, publica-se a carta de Virginia, na qual há a argumentação sobre as produções femininas que aumentaram significativamente do século XVI ao XVIII graças, segundo a autora, às melhorias adquiridas, entre elas, a educação e a liberdade. Virginia questiona quais poetas (quantidade superior a 50) tenham versos melhores que os versos da poetisa Safo.

Desmond afirma que os homens têm apresentado muitas superações mediante situações adversas ao longo da história que impediriam o progresso da intelectualidade e que as mulheres só se comparam aos homens em sabedoria na ficção. Poucas têm inteligência e são artistas de qualidade, mas não se comparam aos homens que são, segundo o autor, “bons em tudo”.

Segundo Woolf Gonçalves (2006), o zelo pela família e a reprodução retiraram força e tempo das mulheres. Para a superação ocorrer em

comparação aos homens em sua atuação em espaço público seria preciso ter acesso à educação e liberdade para fazer experiências e para serem distintas dos homens.

Durante muito tempo atribuíam-se aos aspectos biológicos as características identitárias de cada sujeito. No Brasil, este pensamento foi amplamente difundido nas artes a partir do século XIX – período no qual a biologia, a psicologia e a sociologia eram muito apreciadas. A partir da luta descrita, anteriormente, realizada pelo movimento feminista, esta realidade mudou. Por isto almeja-se compreender e refletir sobre estas representações femininas na obra “O mulato”, por apresentarem resquícios de tais teorias no pensamento de nossa sociedade como afirma a pesquisadora Bárbara de Andrade Vaz Parente (2013, p.19): “Discutir esta questão (gênero/sexo) de forma crítica é também reconhecer toda a carga significativa das lutas e tentativas de rupturas com a lógica determinista e impositiva”.

4. As representações do feminino

Michelle Perrot, no livro “Minha história das mulheres”, retrata o corpo feminino e sua representação ao longo da história. A autora ao abordar questões relativas à idade da mulher afirma que os relatos sobre meninas eram menores antes do século XX, citando como exemplo “Histoire de ma vie”, que narra a história de George Sand. Anos mais tarde, são publicadas autobiografias de muitas autoras.

As jovens foram muito mais relatadas em inúmeros trabalhos como nos romances ingleses de Jane Austen e Balzac. Elas encantam pelas ideias a elas associadas de pureza, frescor, mistério.

Há muitos relatos de avós citados por Perrot desde George Sand, que apresenta histórias de sua avó em “Histoire de Ma vie” e em seus romances campesinos, a sociedade argelina de Djébar ao apresentar as avós na função de difundir a cultura “a memória, a oralidade, coletiva ou familiar”.

Sobre as representações do corpo feminino, Perrot afirma que a beleza é vista como um elemento preponderante seja através da bela face ou do corpo nu ou vestido. No Renascimento, por exemplo, havia a dualidade: beleza feminina e força masculina. As feias apresentavam estigmas negativos até o século XX quando se passou a afirmar que com o uso da maquiagem e dos cosméticos toda mulher pode ser bela.

Muitas autoras retrataram a alma feminina de forma inigualável, no entanto, houve um período da história da arte no qual a representação sobre o feminino estava relacionada a teorias científicas deterministas.

Conta Alfredo Bosi (1936) que no século XIX a sociedade passou por mudanças que não comportavam mais os ideais do romantismo. Buscava-se uma arte mais objetiva que permitisse compreender e criticar a realidade. Surgiram assim: o realismo, o naturalismo e o Parnasianismo.

O autor afirma que na Europa a publicação de “Madame Bovary” (1857), “Thérèse Raquin” e “Le parnassecontemporain” marcam o início destes movimentos. O naturalismo é fortemente influenciado pelo cientificismo e o parnasianismo é um retorno ao estilo clássico.

Para Bosi (1936) o contexto social de seus surgimentos remonta a Europa. A sociedade europeia presenciava progressos tecnológicos e a revolução industrial. No entanto, o operariado vivia momentos de miséria surgindo assim movimentos populares. Em 1948 ocorre a publicação do manifesto comunista.

Além dos movimentos populares buscando a igualdade de direitos surge o cientificismo e o materialismo. Há três correntes preponderantes: o positivismo, criado por Augusto Comte no qual o único saber de real valor é científico. Parte do empirismo e da observação; determinismo, criado por H. Taine acreditava-se que o ser humano é determinado pelo meio, pela raça e pelo momento histórico e o darwinismo no qual a seleção natural gerada pela natureza determina aqueles que iram sobreviver e se perpetuar. Os mais fortes sobrevivem e se perpetuam e os mais fracos são eliminados.

As teorias difundidas na Europa sistematizadas pela Biologia, Psicologia e Sociologia chegam ao Brasil reduzindo o idealismo e a religiosidade. Os escritores assumiram uma postura de análise e crítica das patologias individuais.

Para os naturalistas o ser humano é como um animal que tem a sua vida determinada pelo meio e pela sua herança genética. Esta visão retira do indivíduo o seu direito de escolha e confere ao autor a postura fria de um observador que descreve o seu objeto de estudo com precisão e linguagem simples.

5. As concepções sobre o feminino na obra “O mulato”

O mulato foi escrito pelo Maranhense Aluísio de Azevedo em 1881, obra que motivou a ida de Azevedo para o Rio de Janeiro e o tornou um autor aclamado. O romance, ambientado no Maranhão, retrata a paixão de Ana Rosa por Raimundo, protagonista da história. Raimundo retornou de Portugal formado por uma excelente universidade. O rapaz era fruto de um romance entre uma escrava e o seu senhor, mas desconhecia o fato e não compreendia o tratamento que lhe era ofertado na alta sociedade de São Luís. O personagem sedutor, com encantadores olhos azuis se torna amante de sua prima, Ana Rosa, nascida em um lar preconceituoso fato que motiva o casal a fugir, no entanto, a fuga culmina com a morte de Raimundo.

A obra esboça a caricatura dos tipos humanos do Maranhão: o conservadorismo cristão, o comerciante rico, a velha beata, a permissividade clerical, o tratamento desumano e perverso de uma sociedade escravocrata. A análise terá como eixo central a análise da personagem Ana Rosa para compreender a visão sobre a mulher no século XIX a partir da concepção naturalista.

Ana Rosa era filha de Manuel Pescada criada por ele e a avó. Uma senhora de cinquenta anos, sempre bem penteada e má dona de casa, descrita pelo autor como piedosa, dona de alguns escravos. Chama-se Dona Bárbara, mulher furiosa afirma o autor que batia em seus escravos por hábito e gosto. Era uma típica senhora criada em fazenda, cuidava dos avós portugueses, apegada a valores como o sangue, a religião, uma beata exemplar que sempre se referia aos negros como os sujos e aos mulatos como “os cabras”.

Teve uma capela, na qual colocava os seus negros para rezar, com os braços abertos ou algemados. Orgulhava-se de um português loiro e de olhos azuis que fora seu marido. Quando a filha foi pedida em casamento por um comerciante, que iniciava recentemente em seu ofício, ela agradeceu por pelo menos ser branco. Devido à adoração desta pelos portugueses.

Seus ares de senhora da fazenda, fina e raivosa, severa com os negros, considerada bondosa pela sua religiosidade. Possuía no local o respeito por ser uma senhora rica dona de escravos, foi casada com um português e fiel à fé católica.

A jovem, Ana Rosa, vivia em um sobrado no Maranhão com vista para um rio e com três pitangueiras no quintal. O local é descrito pelo autor como um ambiente pitoresco. Ana Rosa deseja ao longo da narrativa encontrar um grande amor e se casar. Sua mãe antes de morrer lhe deu o

conselho de casar-se apenas com quem realmente amasse e não permitisse que lhe impusessem um casamento a contragosto.

O conselho que a mãe deu a Ana Rosa parte de sua experiência de se apaixonar aos quinze anos por um homem com o qual gostaria de viver toda a sua vida, no entanto, devido aos ideais políticos do rapaz a família não apoia o relacionamento. O narrador ao descrever o fato revela uma das teorias difundidas pelos deterministas sobre a inferioridade feminina frente ao homem. “Quem diria que aquela pobre moça, nascida e criada nos sertões do Norte, sentiria, como qualquer filha das grandescapitais, a mágica influência que os homens superiores exercem sobre o espírito feminino? Amou-o, sem saber por quê.”

Ana Rosa desejava encontrar um homem para amar que seria, segundo o autor, o dono de seu corpo e do qual seria escrava. Ansiava ser uma boadoméstica, ter muitos filhos e criá-los em seu lar. Não conseguia imaginar a sua vida sem alcançar o seu sonho. Para algumas mulheres existiria uma vida digna fora do casamento, mas para Ana Rosa o celibato só seria bom para os homens, pois eles têm outras coisas que os divirtam já as mulheres não. Ela não imaginava uma vida sem filhos.

Ana Rosa cresce diante das idealizações do que leu nos livros. A descrição inicial da personagem é semelhante às descrições das personagens do romantismo a mulher perfeita e prendada: bondosa, religiosa, muitas vezes foi anjinho em procissões e cantava na igreja.

Embora gostasse de ler, a jovem lamentava não ser mais culta. Segundo Silvana Fernandes Lopes a educação no século XIX no Brasil era muito defasada principalmente com relação às mulheres. Algumas mulheres estudavam em casa e outras aprendiam a ler e práticas doméstica. A respeito da formação profissional havia o curso normal que preparava de forma desigual as mulheres. Muitas lecionavam em casa, pois não passavam em concursos.

No caso específico da educação feminina, a situação era ainda mais grave. Além das escolas de primeiras letras e das escolas normais, as meninas das camadas mais baixas da população poderiam contar com outras instituições, de caráter assistencial, para sua formação. Essas instituições educativas e assistenciais, subvencionadas pelo Estado ou por ordens religiosas, também se limitavam ao ensino de prendas domésticas e rudimentos de leitura, escrita e aritmética. (LOPES, 2011, p. 119)

O pai de Ana Rosa desejava que se casasse com um de seus empregados. Um português chamado Dias. O rapaz foi descrito como submisso e inseguro. Todos tinham muita piedade, pois embora tivesse boa condição

financeira e tivesse tudo o que necessitava a sua postura causava pena já que se apresentava tão inferior. O interesse de Manuel pelo casamento de ambos era ter um genro e um sócio já que o jovem era trabalhador e possuía um bom ordenado.

A incessante busca de Ana Rosa pelo amor se encerra com a chegada de Raimundo um rapaz de vinte e seis anos que seria um brasileiro sem grandes atributos se não tivesse grandes olhos azuis, afirma o narrador. Raimundo era mulato sobrinho de Pescada, pai de Ana Rosa, fruto de uma união com a escrava Domingas.

O primo de Ana Rosa era culto e foi educado em Portugal. Ele foi para a Europa após a morte de seu pai, morou durante um tempo como os tios (a mãe e o pai de Ana Rosa). Embora fosse culto, refinado e possuísse a herança de seu pai. O rapaz não era aceito pela sociedade do Maranhão por ser um mulato. Naquela época acreditava-se que o negro e os mestiços fossem inferiores.

Havia uma teoria científica no século XIX chamada poligenismo, na qual cada “raça” representaria uma espécie e o cruzamento entre espécies diferentes representaria uma degeneração. O resultado de casamentos multirraciais seria sempre negativo.

O fim do mulato foi ser assassinado por recomendação do padre a seu rival afinal Raimundo cometera, segundo a visão da época, a audácia de ser um homem de origem negra a enamorar-se e engravidar uma branca cujos filhos carregariam o desgosto de serem mal vistos como mulatos. Observa-se na presente narrativa a visão de tamanha violência praticada aos afrodescendentes, homens não livres, vendidos como propriedade ou como animais, vidas não valorizadas, frutos da concepção daquele tempo. Embora fosse belo, educado e bem instruído a história do mulato não teve um final feliz devido a sua descendência e Ana Rosa após a morte de Raimundo casou-se com Dias, o mesmo que matou o homem que ela afirmava amar.

Ana engravidou e teve três filhos. O homem que antes repudiava tornou-se o seu marido já que esta não acreditava na felicidade da mulher sem a presença de um homem e sem filhos.

A respeito das mulheres negras a visão de inferioridade era muito maior. Apresentavam mais elementos considerados negativos para os deterministas ser mulher, ser negra, portadora de patologias e elementos negativos de temperamento. Como se observa na presente descrição:

As negras, principalmente as negras!... São umas muruxabas, que um pai de família tem em casa, e que dormem debaixo da rede das filhas e que lhes contam histórias indecentes! É uma imoralidade!

Ainda outro dia, em certa casa, uma menina, coitada, apareceu coberta de piolhos indecorosos, quepegara da negra! Sei de outro caso de uma escrava que contagiou a uma família inteira de impigens edartros de caráter feio! E note, doutor, que isto é o menos, o pior é que elas contam às suas sinhazinhastudo o que praticam aí por essas ruas! (AZEVEDO, Aluísio p. 41)

Para um determinista ser negra e mulher é uma semântica duplamente negativa e estas tiveram de enfrentar desafios e até hoje os enfrentam afinal o seu valor não está pré-estabelecido em sua genética. A mulher conforme foi explicitado necessita de oportunidades iguais para que a sua história e atuação sejam dignas de sua capacidade intelectual semelhante a do homem, mas estiveram na história condicionadas a discursos que as impedia muitas vezes de agir.

6. Conclusão

Observa-se a partir da análise da narrativa de Aluísio de Azevedo a concepção da sociedade do século XIX sobre a mulher. Esta seria inferior ao homem submetida a este por condição genética. Quando se casavam os homens era “proprietários de seus corpos” como foi expresso nas falas do narrador sobre os anseios de Ana Rosa.

Não eram tão donas de seu destino, a família recomendava casamentos muitas vezes por boas relações comerciais. As mesmas estudavam pouco e tinham como grande objetivo de vida fazer um bom casamento. Se eram pobres, mulatas e mestiças, o seu destino era marcado por mais luta devido ao grande preconceito. Tinha poucas oportunidades para alfabetizar-se, difíceis condições de casar-se por questões financeiras. Atribuíam às negras as doenças e condutas errôneas como se fossem vulgares devido ao padrão cultural eurocêntrico.

Observa-se que a toda a luta do movimento feminista, acima descrita, fez-se necessária para que as mulheres alcançassem o direito à educação, conforme salientou Virginia Woolf, direito sobre as suas escolhas e o seu próprio corpo.

Já que o gênero é um discurso, conforme explicitou Judith Butler, é necessário discutir estas concepções deterministas e patriarcais sobre gêneros e etnias para que todos tenham acesso a direitos iguais em nossa

sociedade, desfrutem como cidadãos o merecido respeito, não sofram com práticas discriminatórias e, acima de tudo, é preponderante fomentar em nossa sociedade a aceitação e o respeito pela alteridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

FERNANDES LOPES, Silvana. “Retratos” de mulheres na literatura brasileira do século XIX. In: *Revista Plures Humanidades*, ano 12, n. 15, jan./jun. Ribeirão Preto, 2011. p. 117-140

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. In: *Revista História*, v. 24, N. 1. São Paulo: UNESP, 2005. p. 77-98

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.